

O DOMINGO



SEMENARIO REPUBLICANO INDEPENDENTE

Assignatura

Anno, 1\$000 réis; semestre, 500 réis. Pagamento adiantado.
Para o Brazil, anno, 2\$000 réis (moeda forte).
Avulso, no dia da publicação, 20 réis.

REDACTOR E DIRECTOR—José Augusto Saloio

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA**(Composição e impressão)**132, 2.º — RUA DIREITA — 132, 2.º
ALDEGALLEGA**Publicações**

Annuncios—1.ª publicação, 40 réis a linha, nas seguintes,
20 réis. Annuncios na 4.ª pagina, contracto especial. Os auto-
graphos não se restituem quer sejam ou não publicados.

PROPRIETARIO—José Augusto Saloio

Declamações

Não ha muito ainda que a maioria do povo portuguez, sereno e feliz na opulencia do seu territorio fertilissimo, recebia com indifferença as mutações politicas com que, de vez em quando, á similhaça das mágicas theatraes, a corôa se comprazia alegrar ou entristecer a miuçalha da clientela das facções rotativas.

Hoje, porém, as coisas mudaram muito, e, com franqueza, não havendo já para onde appellar dentro da familia dos *thesaurophagos* que ha setenta annos se revesam no poder, ninguém sabe o que será o dia de amanhã, aggravando-se, com o decorrer do tempo, o estado de tensão em que se encontram os espiritos dos que têm alguma coisa que perder.

Aquelles que têm exercido funcções palatinas, pessoasas muito tementes á santa religião e muito respeitadoras dos inaufereveis direitos d'el-rei, nosso senhor e amo, andam completamente desnordeados com a nova phase que tomou a politica portugueza n'estes ultimos tempos, pela audacia do novo Boulanger, o *virtuoso triumphador da immaculada*, e, fazendo agora profissão de fé democrática, de cilicio no estomago, por ser tempo de jejum prolongado, juram, pondo a mão no botão da casaca, como os mercadores de que fala o Padre Vieira na Arte de Furtar, que nunca mais voltarão ao paço senão de chapéo na cabeça.

Na grande procissão dos penitentes que mais praguem contra o dictador, salienta-se o partido progressista, aquelle mesmo partido que ha mezes, de mãos dadas com o réprobo de hoje, sancionava a lei d'imprensa, o producto mais execrando dos ultimos tempos, auxiliava o governo na questão academica, empolgava a questão vinícola para salvar o sr.

João Franco, e, para mostrar a sua coherencia monarchica, alliava-se com o franquismo, para expulsar do parlamento os deputados republicanos.

Sabe-se como o sr. João Franco entrou no poder pela mão do sr. José Luciano. Elle proprio confessou, nas trapeiras franquistas, que nunca teria sido chefe do governo sem esse auxilio.

Pois, quem tal diria, os que mais o auxiliaram, são os que hoje se afastam d'elle com maior indignação. Depois do sr. Augusto José da Cunha, vem agora o sr. Antonio Cabral, antigo ministro progressista, a quem o sr. conselheiro João Franco tanto sollicitou para ser ministro dos estrangeiros ou da justiça.

Eis como se manifesta o antigo ministro progressista:

«A indignação do meu illustre amigo e correligionario, sr. Augusto José da Cunha, não é apenas d'elle. Hoje a indignação é geral no partido progressista, o qual está, creio, de inteiro accôrdo com o seu descontentamento. Aquecemos no seio uma vibora, que fez farta sementeira de odios no paiz, e d'ahi o tom violento que ressuma dos nossos protestos.

«Quanto ás consequencias d'esse politico odiento, porém, são de difficil previsão. Por agora sabe-se apenas, e já não é pouco, que a familia real, que antigamente apparecia em toda a parte, não pôde apparecer em público. E franca-mente, isto é um grave symptoma da situação creada pelo franquismo.

«Não sei, continúa o sr.

Antonio Cabral, qual governo succederá no poder ao actual. Qualquer que o seja, é minha opinião, no entanto, que, a despeito de não haver lei de responsabilidade ministerial, se deve proceder criminalmente contra o sr. João Franco».

Como se vê, os processos, usados pelos progressistas para a conquista do poder, não differem hoje d'aquelles que empregaram em 1835, nos tempos da gravata encarnada dos comicos da liga liberal: ameaças que não vão além de inoffensivas declamações.

(D'«O Damão de Goes»)

Asylo de S. José

Em 1901 começou n'esta villa a construcção do Asy-

tabelecimento de beneficencia tão almejado pelos desprotegidos da sorte.

Pois em fevereiro de 1906 escreveu-nos uma carta o nosso amigo Manuel Diogo Netto, legatario do fallecido instituidor do asylo, que a seu pedido publicámos no n.º 240 d'*O Domingo* e da qual recortámos o seguinte:

«Em vista do exposto, se vê que ha de juros a receber dos papeis de crédito que mencionei, a quantia de 2:869\$875 réis, que junto ás importancias depositadas no Monte-pio Geral e na Caixa Geral de Depósitos, perfaz um total de réis 3:428\$220».

Ora como se vê já em fevereiro do pretérito anno o asylo tinha abundantes elementos de vida. Por que será que ainda não se fez a inauguração do Asylo de S. José?

Que responsabilidade a esta pergunta quem souber. Nós ficámos na reserva, limitando-nos simplesmente a dizer que o que ha de mais util a tratar agora interessa mais do que a compaixão pelos infelizes que luctam com a miseria.

O pão

Um ex-moço de padeiro contou-nos, muito afflicto, que em Aldegallega são poucos os padeiros que fazem as massas com agua putavel, havendo até—por simples economia d'uns vintens por mez—quem se utilise para esse fim de agua de pços tão immundos que até o gado não quer beber d'ella.

E' tristissimo, confessá-mol-o, que n'esta malfadada Aldegallega por dar um viva á liberdade ou deitar uns foguetes se ponham

em campo todos os agentes da auctoridade acompanhados de bufos e lacaios promptos para prender, matar e esfolar—se tanto for preciso—e se ponha de parte o que mais interessa: a saude de nós todos!

O pão aqui fornecido por todos os padeiros é de farinhas ordinarias e o preço por que se paga é elevado, e para completar a boa obra faltava só a agua com que é feito ser nociva á saude. Ainda isto não é sufficiente; ha fornos onde os moços dormem dentro das maceiras e dos taboleiros enrolados nos bargaes e nas mantas que só deviam servir para cobrir o pão.

Chamámos a attenção do sr. administrador do concelho para o § 22 do artigo 53 do «Regulamento dos serviços de saude e beneficencia pública», approvedo por decreto de 24 de dezembro de 1901, que diz assim:

«Fiscalisar os açougues, matadouros, padarias, logares de vendas ou depósitos de substancias alimenticias e tomar parte por si ou seu subordinado com o sub-delegado de saude e technicos competentes, nos termos regulamentares, na inspecção dos géneros alimenticios e bebidas, sob o ponto de vista da adulteração, falsificação e corrupção nocivas á saude pública, e proceder contra os que promoverem essas alterações de géneros ou os expozerem á venda alterados ou corruptos e de um modo geral falsificarem ou venderem objectos cujo uso seja nocivo á saude.»

Esperámos que a digna auctoridade dê as providencias que o caso requer, evitando abusos.

Festa á Senhora da Vida em Alcochete

Realizou-se no pretérito domingo, conforme haviamos noticiado, a annual festividade á Senhora da Vida, na visinha villa de Alcochete.



ASYLO DE S. JOSÉ

ELEIÇÕES

Continúa a dúvida sobre realisação do acto eleitoral.

O dictador, apesar de todas as suas farroncas alimentadas pela pusilanimidade dos partidos monarchicos opposicionistas, ainda não sabe qual o caminho a seguir.

A dissolução das camaras municipaes é a revolução em todo o paiz, menos em Aldegallega, onde essa edilidade patusca que ahí está já devia de ha muito ter sido dissolvida, agitada, desinfectada com sublimado e lançada áquella parte aonde o dictador queria deitar a célebre carta que foi publicada na «Lucta».

A eleição é a derrota completa do franquismo que só tem conseguido alcançar o odio de toda a nação.

Nestas circumstancias dúbias e anormaes vive o paiz devido á falta de energia e de um acto, que nem chega a ser de audacia, dos seus filhos.

No emtanto n'esta boa terra os campos vão-se definindo.

D'um lado está o partido republicano procurando organizar uma lista de gente nova e limpa que seja garantia bastante para uma administração séria, honesta e progressiva. Bem sabem os republicanos que no estado de descalabro em que estão as finanças municipaes e nos encargos que esmagam o municipio, a sua tarefa será cheia de espinhos e de difficuldades, mas, verdadeiros amigos da sua terra, tudo sacrificarão para a fazer entrar no verdadeiro caminho das boas normas administrativas.

Do outro lado estão diversos grupos que se agri-dem reciprocamente, porque os não impulsiona a idéa de serem uteis á sua terra, mas simplesmente a estulta vaidade de serem vereadores e, como tal,

considerarem-se donos de isto que elles consideram ainda como uma roça.

N'estes grupos ainda ha, certamente, um ou outro individuo resolvido a fazer entrar a gerencia municipal nos seus verdadeiros eixos, mas esse, se conseguisse lá entrar veria a sua boa vontade vencida pelos cretinos.

A' frente de um d'estes grupos e, segundo reza a chronica, apoiado superiormente, está um homem que a opinião pública accusa de ter praticado ha pouco tempo um acto de perseguição e vilania como não ha exemplo n'esta terra. Como é que um homem actualmente execrado póde aspirar aos suffragios dos seus conterraneos? A ser verdade o que se affirma, seria a maior das affrontas, seria o cúmulo do cynismo. A tão grande atrevimento o povo saberá certamente dar resposta condigna. Aguardemos porém os acontecimentos para mais detalhadamente tratarmos do assumpto.

SCIPÍAO.

“A Hora Livre.”

É este o titulo d'um interessante folheto a proposito da suspensão d'«O Pai», que se acha á venda em Lisboa, na rua Douradores, 32, 1.º.

Custa apenas 100 réis e é seu auctor o sr. Arnaldo Pereira.

Agradecemos o exemplar offerecido.

Almanach Democratico

Este util e interessante almanach para 1908, illustrado com retratos dos vultos mais eminentes do partido republicano, encontra-se á venda pela módica quantia de 120 réis no estabelecimento do nosso amigo e correligionario, sr. Manuel Braz dos Santos, rua Direita, 139.

É um volume de 112 paginas com excellentes poesias e artigos dos nossos primeiros escriptores democraticos.

CHRONICA DE LISBOA

A recepção no Arsenal de Marinha, por occasião da chegada do principe real, limitou-se apenas ao elemento official; os partidos contrarios ao governo não se fizeram representar, cumprindo assim o compromisso que tinham tomado. O dia, carrancudo e tempestuoso, concorreu tambem para que a festa não tivesse o desejado realce.

A *Gazeta de Colonia*, importante jornal allemão, n'um dos seus ultimos números diz de nós o que Mafoma não disse do toicinho. É geral a indignação, como é natural, contra o articulista d'essa folha, mas, em boa razão, devemos dizer que não é elle o culpado, mas sim quem d'aqui lhe forneceu informações. Infelizmente para nós, ainda n'algumas partes somos considerados um paiz de barbaros, apesar das demonstrações de progresso que dia a dia vamos apresentando.

Ha annos estive em Portugal a célebre princeza Rattazzi e escrevi depois um livro intitulado *Portugal á vol d'oiseau*, em que nos punha pelas ruas da amargura. Ora deve dizer-se que essa princeza deu algumas recepções e soirées e recebeu ahí os vultos mais importantes da politica e da litteratura portugueza. Como «é manha de Portugal comer e dizer mal» cada um d'esses individuos cortava na casaca dos outros sem dó nem piedade e d'ahi resultaram as más impressões da princeza que escreveu um livro cheio de calumnias e disparates, valendo-lhe uma sova litteraria monumental do grande Camillo Castello Branco.

Repetimos, as más informações que d'aqui se dão para o estrangeiro é que fazem com que n'esses jor-

naes se digam os maiores desconchavos a nosso respeito.

Um escriptor já fallecido, que tinha realmente valor, estava empregado n'uma embaixada de Portugal no estrangeiro e, apesar de disfructar avultados rendimentos que o nosso paiz lhe pagava pelo logar que exercia, dizia á bocca cheia, a quem o queria ouvir, que Portugal era uma piolheira. Vejam que patriotismo!

Cuidemos mais de olhar pelo que é nosso e de só acharmos bom o que se encontra lá fóra. Bem basta que nos desprestigiando lavando a roupa suja em nossa casa; não queirâmos tambem que os estrangeiros vejam esse estendal vergonhoso.

Quando haverá um bocadinho de juizo?
JOAQUIM DOS ANJOS.

Festa escolar

Deve realizar-se no proximo dia 20 do corrente, no theatro d'esta villa, a festa escolar estando encarregada de organizar o programma a habil professora official da Escola Conde Ferreira, ex.ª sr. D. Maria Francisca Monteiro de Figueiredo.

Agradecimento

A commissão que promoveu a soirée realisada na noite de 22 do passado, vem por este meio agradecer ao ex. sr. Antonio Ventura a cedencia do salão do theatro, assim como ás direcções da Sociedade e Novo Club pelas suas cadeiras, e finalmente, a todos que a coadiuvaram com a sua boa vontade. — A commissão.

DECLARAÇÃO

O sr. Antonio Duarte Maneira, considerado pharmaceutico n'esta villa, julgando-se offendido na sua dignidade já como homem já como profissional em virtude d'umas phrazes menos correctas que indirectamente lhe foram dirigidas pela minha pessoa, declaro que não foi meu intuito melindral-o e por isso retiro as minhas expressões.

Moita, 4 de outubro de 1907.

(a) A. M. Freire Maneira.

Cooperativa Aldegalense

Conforme o decreto de lei de 9 de maio de 1891 têm-se effectuado reuniões na séde da Cooperativa Aldegalense, a fim de se tratar da fundação

de associações de interesse para as classes trabalhadoras d'esta villa. Hoje, pelas 5 horas da tarde, haverá nova reunião sobre o mesmo assumpto, ficando, por esta fórma, convidadas todas as classes trabalhadoras e em especial as agricola, maritima e piscatória.

No proximo domingo, dia do 2.º anniversario d'esta util associação, far-se-hão alli sumptuosas festas, havendo ás 11 horas da manhã sessão solemne em que usarão da palavra os representantes da Federação das Associações de Classe, de Lisboa; as senhoras representantes da classe de Costureiras e Ajuntadeiras, de Lisboa; e os representantes de Cooperativas.

Em seguida o sr. Azedo Gnecco fará uma conferencia, cujo thema é: «Cooperativas, sua origem e sua importancia como função social».

Esta sympathica festa será abrilhantada pelo distincto grupo de ocarinistas d'esta villa que generosamente se presta a cooperar para o bom exito. A' noite haverá baile para as familias de socios.

CONVERSANDO

Por nos chegar já tarde não pudemos inserir o artigo subordinado á nossa epigraphe e que tanto tem prendido a atenção dos nossos leitores. Ao seu auctor, o nosso amigo Kean, pedimos desculpa e egualmente aos nossos leitores.

Rumores

Que os fiscaes do sello não se pódem prestar para instrumento de vinganças.

—Que se terá de fazer um novo emprestimo para a construcção do ramal do caminho de ferro ao Pinhall Novo, visto que o dinheiro do primeiro emprestimo não é sufficiente.

—Que a immaculada camara municipal se tem visto da çôr da abelha por causa das despezas feitas com a guarda municipal para a tourada republicana que aqui se realisou no dia 1 de setembro findo.

—Que as despezas com a guarda municipal no dia 1 de setembro foram muito além de cem mil réis.

—Que o secretario da camara não pintará o seu predio como se disse mas pedirá a sua demissão no dia 31 de dezembro proximo.

7 Setembro

Serei sempre o mesmo. Um abraço de quem te ama. Vi tua mãe. SSST. MBNTM. S. S. T.

Pharmácia Cunha

Abriu hontem, á noite, esta nova pharmácia. Está muito chic.

3 FOLHETIM

Tradução de J. DOS ANJOS

UMA PAIXÃO FATAL

I

—Meus senhores, vou apresentar uma moção. Proponho que o presidente mande vir uma garrafa de Bordeaux em honra dos amores felicissimos do nosso camarada.

O Paulinot tinha crusado os braços no peito e fizera-se muito branco.

—Está bebado, como é costume, Marchaly... exclamou elle.

—Que diz, Cupido?

O sangue do Paulinot refluiu-lhe pelas veias.

A necessidade de insultar aquelle

homem que zombava d'elle fermentava-lhe no cerebro. Levantou-se tambem e encarando bem de frente o adversario, respondeu:

—Digo, Marchaly, que calumniando essa menina, é um tolo ou um cobarde. Escolha.

O tenente estremeceu ouvindo aquelle insulto. Atirou-se ao Paulinot para o esbofetear; mas este, sereno e impassivel, afastando os officiaes que corriam para os separar, apertou nos dedos como n'um torno, as mãos brancas do rapaz, e apesar da resistencia d'elle, fel o cahir de joelhos no chão.

—Era uma duvida em que estava para com a menina Ricôme, disse elle então, envolvendo-o n'um olhar soberano de desprezo.

E a passos lentos, sahio da sala, onde o tenente, com os olhos turvos e

a bôca escumante, gritava como um doído:

—Canalha!

Bateram-se em duello, no dia seguinte de manhã, na orla do bosque de Azereix.

Os floretes, t cando um no outro, vibravam com estridor.

O tenente Marchaly atacava com furia, mas todos os seus esforços se quebravam de encontro ao punho rigido do adversario. A pouco e pouco, sentiu afrouxar os musculos fatigados. Opprimia-lhe o cerebro uma raiva sombria e machinalmente olhava para um coração symbolico que n'uma feitura, — havia quinze annos, — Paulinot tinha mandado marcar no peito.

De repente, depois de ter, com um attrito brusco, desviado o ferro do adversario, deu-lhe um golpe terrivel. Houve na atmosphera como que um

scintillar de raios e a lamina foi enterrar-se até aos copos n'aquelle coração azulido.

O Paulinot não deu sequer um grito. O florete cahiu-lhe da mão. Depois, com as palpebras esbranquiçadas e o rosto contrahido pela dor, cahiu pesadamente de costas.

Esteve um mez entre a vida e a morte. Não tinham podido levar-o para o hospital. Pregado na cama no seu quarto, com as fontes sacudidas pelo delirio e as costas salientes como as de um esqueleto por debaixo da pelle magra, cheio de causticos, o infeliz ferido não se lembrava de nada nem conhecia ninguem. A doença tinha-lhe petrificado as forças e a intelligencia; estava n'um estado de atonia e de fraqueza que fazia recear a morte.

—Já não sae de casa senão com os

pés para a frente! diziam os camaradas.

Ao fim de trinta dias, — n'uma noite, — abriu os olhos devagar e olhou com espanto para uma mulher alta, de cabellos grisalhos e testa enrugada, que com as duas mãos lhe ajeitava maternalmente a cabeça no traveseiro amarrado.

Parecia que de toda ella emanava uma bondade infinita. Tinha um vestido preto comprido.

O Si:turnio julgou que estava a sonhar. Quem era aquella mulher que o fazia estremecer com o seu contacto e cujo habito lhe refrescava o rosto queimado pelos soffrimentos?

Não podia vêr as feições da enfermeira e pensou que a mãe tinha voltado para cuidar d'elle, como n'outro tempo e para o embalar nos braços.

(Continua).

AGRICULTURA

A Despesa do Lavrador

Qual é a despesa do lavrador?

Muito simplesmente se responde — é a terra!

Repetimos — é a terra, a terra bem dita d'onde o lavrador tira o trigo que lhe dá o pão alvo de cada dia, as couves com que faz o caldo verde, as batatas que tão bem lhe sabem, os tomates com que faz os guisados, as azeitonas que lhe fornecem o azeite, as uvas com que faz o vinho para regar o estomago, as fructas que lhe tiram os amargos de bocca, e tantos, tantos outros productos que são a sua riqueza, o seu sustento, a sua vida.

Toda a lavradora previdente e boa dona de casa deve ter a sua despesa bem provida dos víveres e condimentos sufficientes para as necessidades diarias e eventuaes da alimentação da familia.

Do mesmo modo o lavrador previdente e bom administrador das suas propriedades deve ter nas terras em cultura os alimentos que são necessarios para o sustento das plantas que na terra foram semeadas.

E' certo que algumas raras terras do nosso paiz são ricas em alimentos nutritivos para as plantas, mas estas são em pequeno número.

A maioria das analyses de terras de Portugal accusa pobreza dos principaes elementos nutritivos necessarios á vida vegetal; algumas terras são pobres em 1 ou 2 elementos, muitas são pobres em todos: azote, acido phosphorico, potassa e cal.

Emfim rarissimas são aquellas em que os elementos nutritivos se encontram em proporções taes que assegurem uma boa vegetação durante alguns annos.

Estamos na época das comparações.

Se pouco a pouco a lavradora fôr tirando da sua despesa os víveres necessarios para os gastos diarios, e se dia a dia ou de tempos a tempos, em maiores quantidades, não reforçar os seus fornecimentos, forçosamente os seus recursos comestiveis irão diminuindo e mesmo uma occasião chegará em que encontrará a despesa vazia, sem nada que se possa comer.

Em agricultura succede o mesmo.

Se o lavrador cultivando as suas terras, embora as lavre como deve ser, mesmo que lhe dê pouso, que faça a alternância das cultu-

ras, desde o momento que as cultiva, deve adubal-as, restituir ao solo o que as colheitas lhe tiram sem o que as terras irão diminuindo de fertilidade, pois que os elementos nutritivos que as terras continham, vão successivamente diminuindo com cada nova cultura que se fizer.

Cultivando annos consecutivos a mesma terra não lhe juntando novos materiaes nutritivos, os que existiam vão escasseando, a terra vae perdendo a fertilidade, as colheitas vão sendo menores, os productos de peor qualidade, e finalmente admiram-se que uma terra que era boa, já não produza colheitas remuneradoras e o que é peor ainda é que já não produza de todo: — exgotou a terra — esterilizou-a por completo!

Para tornar novamente productiva uma terra nestas condições seriam necessarias fortes adubações, adubações intensivas que muito caro custariam, e só assim mal se podia compensar o desleixo, a imprevidencia para não dizer o crime de não prover ás necessidades das culturas, de não dar alimentos ás plantas que por seu turno nos hão de alimentar a nós.

Isto que acabámos de dizer é o que já aconteceu a muitos lavradores, e o que ha de acontecer a muitos outros, se continuarem em cultivar ao acaso, se persistirem na falta de método; se continuarem as velhas rotinas; se desdenharem seguir os exemplos dados pelos lavradores que cultivam e exploram intelligentemente as suas terras com os maiores lucros; se não quiserem comprehender os resultados esplendidos colhidos pelas mais modernas experiencias e estudos dos mais distinctos agrónomos de todo o mundo.

Muitos lavradores dirão: — mas nós estrumámos, mas nós adubámos!

Estrumam — mas não sabem que os estrumes por si só não são sufficientes para restituir á terra todos os elementos que as culturas lhe tiram?

Adubam — mas quaes são os lavradores que adubam convenientemente, que espalham na terra os adubos adquados ás exigencias das differentes culturas e á natureza das terras? D'estes quantos empregam as quantidades necessarias?

O que se responde a isto — não se sabe!

São conselhos no seu proprio interesse: mandem analysar as suas terras, empreguem os adubos convenientes, de harmonia com

as culturas e a riqueza das terras, espalhem os adubos nas epochas proprias, para cada cultura.

Lavradores portuguezes: ouçam os bons conselhos, sigam os bons exemplos: *Adubem as suas terras.*

O nosso amigo e correlligionario José Cypriano Salgado Junior péde-nos a publicação do seguinte artigo:

O RENEGADO

O que é o renegado? E' um ente sem fé, sem brio, sem dignidade. Elle, o perjuro, é sempre o adversario mais temivel que um partido tem. Mercadeja a sua consciencia calumniando aquelles que professam idéas que elle já professou, servindo servilmente as instituições que elle antigamente considerava como retrógradas. Que exemplo de hombridade e civismo! Que grandeza de espirito! Nesse ente não existe o orgão sensível, aquelle que nos dá hombridade e altivez de character levando-nos até ao sacrificio.

Quanto é bello e sublime o sacrificio, quando tenha por fim engrandecer a patria tornando-a livre, independente e civilisada, levando ao povo: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que é a divisa da Republica, d'esse grande e nobre ideal que redime uma patria, transformando-a num povo culto e consciente dos seus deveres.

Oh! renegado! ente sem fé e sem dignidade! vêde, pensa e medita, e vencer-te-heis que a tua propria pessoa te causa horror e nojo; que esse povo, á tua passagem, exclamará: «Alli vae o renegado, o vendilhão do templo, a alma pôdre e imunda!» Esse povo que antigamente te considerava como um bom patriota, que depositava em ti uma confiança sem limites, suppondo vêr na tua pessoa um redemptor, odeia-te, desilludido,

Qual foi o teu procedimento? Foi o de trahires esse povo que te amava, que te considerava e que sentia por ti um profundo respeito; portanto, tens que expiar esse grande crime de lesa-humanidade. Esse povo, que outrora te considerava e respeitava, já não sente por ti senão odio e desprezo, affastar-se-ha de ti como se fosses lama pura! Has de ter sonhos! Esse povo ha de apparecer-te transformado num espectro, segredando-te ao ouvido: «Tu és um renegado; só mereces desprezo!» J. CYPRIANO SALGADO JUNIOR.

Isso é lá com os dois...

Foi esta a resposta de dois dos vereadores da immaculada camara de Aldegallega a um nosso amigo que precisando semear uma sua propriedade sujeita ao traçado da linha de ferro que deverá começar a fazer-se por todo este mez, do Pinhal Novo a esta villa, se dirigiu a um por cada vez perguntando se sempre vinha ou não o caminho de ferro por que queria semear a fazenda.

A resposta obtida é engraçada: «Isso é lá com os dois...»

Ora não seria melhor com os tres: — Cócó, Ranheta e Facada?

ANNUNCIOS

ANNUNCIO

COMARCA DE ALDEGALLEGA DO RIBATEJO

(2.ª publicação)

No dia 13 de outubro proximo pelas dez horas da manhã, á porta do tribunal judicial de esta villa de Aldegallega do Ribatejo, nos autos de inventario orphanologico a que se procede por obito de João Tavares Sacoto, morador que foi em Sarilhos Grandes se hão de vender e arrematar em hasta pública a quem maior lance offerecer sobre os valores abaixo designados, os bens seguintes:

Uma casa abarracada com um pequeno quintal, sita no Largo do Mercado, do logar de Sarilhos Grandes, e vae á praça no valor de 160\$000 réis.

O direito e acção a me-

tade de uma fazenda de terra de sementeira, vinha e arvores, no sitio do Concelho, proximo ao logar de Sarilhos Grandes, praso foreiro ao Visconde da Lançada, e vae á praça no valor de 60\$000 réis; e uma courella de terra de sementeira e vinha, sita na freguezia de Sarilhos Grandes, praso foreiro em 600 réis annuaes a Esmael Ribeiro, e vae á praça no valor de 194\$000 réis.

A contribuição de registo por inteiro fica toda a cargo dos arrematantes, e estes só podem entrar na posse effectiva dos predios depois de colhidos os seus fructos agricolas.

São citados todos os crédores incertos para assistirem á dita arrematação e ali uzarem dos seus direitos, sob pena de revelia.

Aldegallega do Ribatejo, 23 de agosto de 1907.

O ESCRIVÃO,

Antonio Augusto da Silva Coelho.

Verifiquei a exactidão:

O JUIZ DE DIREITO

A. Franco.

VENDEM-SE

8 moradas de casas, na rua das Postas, d'esta villa.

Trata-se com o procurador Vaz Velho. 325

ARRENDAR-SE

Uma fazenda na Quinta Nova (Harse). Quem pretender dirija-se á referida quinta a Camilla Augusta de Carvalho e Cunha.

Póde ser a talhões.

AO BONUS

DA LOJA DO POVO

PRAÇA AGRICOLA

Previne-se todos os portadores de SENHAS-BONUS que esta conhecida casa distribue aos seus estimaveis freguezes, assim como tambem se previne o público em geral, que acaba de chegar uma nova remessa de magnificos BRINDES que se acham em exposição n'uma das montras d'esta casa.

Quem comprar 100 réis de fazenda tem direito a uma Senha-Bonus desde que a exijam no acto da compra. Artigos de primeira ordem por preços vantajosos!!!

AO BONUS DA LOJA DO POVO
PRAÇA AGRICOLA — LARGO DA IGREJA

STORES PINTADOS

349

PARA O

COMMERCIO e INDUSTRIA

e casas particulares

Pintura inalteravel em todo o género de desenhos, como monogrammas, alegorias, inscrições, etc., etc.

D'esta ultima novidade apresentam-se amostras a quem as solicitar ao unico representante em Aldegallega, Manuel Braz dos Santos, rua Direita, 139, e rua do Póço, 1 — Loja de Novidades.

Pequena bibliotheca democratica

Dirigida por Antonio Ferrão

Fundada por HELIODORO SALGADO

Pequenos tratados de educação cívica e moral. - Obras de propaganda democratica. - Estudos de vulgarisação scientifica. - Estudos historicos. - Vulgarisação da sciencia das religiões. - Questões de interesse proletario. - Etc.

Cada volume de 32 paginas, avulso, 50 réis
Por assignatura, 40 réis

PREÇOS DA ASSIGNATURA NA PROVINCIA

3 mezes, (6 numeros) 280 réis; 6 mezes,
(12 numeros) 560; 1 anno, (24 numeros) 1\$000 réis
A sahir quinzenalmente.

Esta bibliotheca inicia-se no intuito de aproveitar todo o saldo em beneficio da escola do Centro Rodrigues de Freitas.

Séde do Centro da «Pequena Bibliotheca Democratica»:—Largo de Santo André, 19-A, 1.º.

— LISBOA —

AVELINO M. CONTRAMESTRE

RELOJOEIRO DE TODA A CONFIANÇA



321
Vende e concerta toda a qualidade de relógios por preços módicos.

Responsabilisa-se pelos concertos quando o freguez fique mal servido, restituindo-lhe a importancia já paga.

RUA DIREITA, 7 — ALDEGALLEGA

BIBLIOTHECA DO DIARIO DE NOTICIAS A GUERRA ANGLO-BOER

Interessantissima narração das luctas entre inglezes e boers, «illustrada» com numerosas zinco-gravuras de «homens celebres» do Transvaal e do Orange. incidentes notaveis, «cercos e batalhas mais cruentas da GUERRA ANGLO-BOER

Por um funcionario da Cruz Vermelha ao s:rvicio do Transvaal.

Fasciculos semanaes de 16 paginas..... 30 réis
Tomo de 5 fasciculos..... 150 »

A GUERRA ANGLO-BOER é a obra de mais palpitante actualidade.

N'ella são descriptas, «por uma testemunha presencial», as differentes phases e acontecimentos emocionantes da terrivel guerra que tem espantado o mundo inteiro.

A GUERRA ANGLO-BOER faz passar ante os olhos do leitor todas as «grandes batalhas, combates» e «escaramuças» d'esta prolongada e acerrima lucta entre inglezes, tra svaalianos e oranginos, verdadeiros prodigios de heroismo e tenacidade. em que são igualmente admiraveis a coragem e dedicação patriótica de vencidos e vencedores.

Os incidentes variadissimos d'esta contenda entre a poderosa Inglaterra e as duas pequenas republicas sul-africanas, decorrem atravez de verda deiras peripecias, por tal maneira dramaticas e pittorescas, que dão á GUERRA ANGLO-BOER, conjuntamente com o irresistivel atractivo d'uma narração historica dos nossos dias, o encanto da leitura romantizada.

A Bibliotheca do DIARIO DE NOTICIAS apresentando ao publico esta obra em «esmerada edição», e por um preço diminuto, julga prestar um serviço aos numerosos leitores que ao mesmo tempo desejam deleitar-se e adquirir perfeito conhecimento dos successos que mais interessam o mundo culto na actualidade.

Pedidos á Empresa do DIARIO DE NOTICIAS
Rua do Diario de Noticias, 110—LISBOA



COMPANHIA FABRIL SINGER

260
Por 500 réis semanaes se adquirem as celebres machinas SINGER para coser.

Pedidos a AURELIO JOÃO DA CRUZ, cobrador da casa ADCOCK & C.ª e concessionario em Portugal para a venda das ditas machinas.

Envia catalogos a quem os desejar.

— LISBOA —

MAXIMO CORKI NA PRISÃO

Ultimo trabalho litterario do extraordinario escriptor russo. O mais empolgante que a sua penna tem produzido até hoje.

O romance dos presos politicos da Russia, analyse dos costumes barbaros da escravidão moderna.

Um volume de perto de 200 paginas, com uma capa a côres, illustrada com um dos melhores retratos do auctor.

Preço 200 réis

«A EDITORA»

Largo do Conde Barão, 50

— LISBOA —

OS DRAMAS DA CORTE

(Chronica do reinado de Luiz XV)
Romance historico por E. LADOUCKETTE

Os amores tragicos de Manon Lescaut com o celebre cavalleiro de Grioux, formam o entrecho d'este romance, rigorosamente historico, a que Ladoucette imprimiu um cunho de originalidade deveras encantador.

A corte de Luiz xv, com todos os seus esplendores e miserias, é escripta magistralmente pelo auctor d'O Bastardo da Rainha nas paginas do seu novo livro, destinado sem duvida a alcançar entre nós exito equal aquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 16 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciculo

100 réis o tomo

2 valiosos brindees a todos os assignantes

Pedidos á Bibliotheca Popular, Empresa Editora, 162, Rua da Rosa, 162 — Lisboa.

OS ULTIMOS ESCANDALOS DE PARIS

Romance de acontecimentos sensacionaes e veridicos occorridos na actualidade e mais interessante que os Mysterios de Paris e Rocamble por Dubut de Laforest.

Pedidos á «Editora», largo do Conde Barão, 50 — Lisboa.

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS

Revista illustrada de instrucção e recreio

A Encyclopedica mais util e economica que se publica em Portugal.

Cada numero consta de 80 paginas, profusamente illustradas, compostas em typo muito legivel, impressas em magnifico papel e elegantemente brochado.

Preço da assignatura, anno, 800 réis.

Pedidos a Manuel Lucas Torres, rua do Diario de Noticias, 93—Lisboa.

TYPOGRAPHIA MODERNA DE JOSÉ AUGUSTO SALOIO

N'esta typographia satisfazem-se de prompto todas as encommendas, garantindo-se a maxima perfeição e nitidez em todos os trabalhos, para o que está montada nas melhores condições

Tem grande diversidade de typos o que ha de mais bonito e moderno.

Executam-se impressos para todas as repartições publicas, timbram-se enveloppes, imprimem-se facturas, mappas, circulares, memoranduns, recibos, vales, convites, participações, cartas fúnebres, rótulos, programmas, etc., etc.

Imprimem-se jornaes de qualquer formato.

TRABALHOS A CORES, OURO, PRATA, ETC.

Especialidade em cartões de visita brancos, tarjados e pretos com filete dourado para agradecimento

DESDE 200 RÉIS O CENTO

(Cartão branco)

ALDEGALLEGA

PHOTOGRAPHIA

ALBERTO SANTOS

RUA DIREITA

(No predio defronte da rua do Pôço)

Este atelier presta-se admiravelmente a todos os effeitos de luz, permittindo tirar bonitos e perfectos retratos de creança.

Tiram-se retratos desde 500 réis a meia duzia, e fazem-se ampliações e reproducções, bem como se tiram photographias em casa do freguez.

RETRATOS EM PLATINA

Fazem-se em tamanho natural, desde 4\$000 réis.

Convida todos os freguezes que queiram photographar-se, a visitarem o seu atelier durante o corrente mez, porque resolveu sahir em excursão.

TIRAM-SE RETRATOS TODOS OS DIAS

HISTORIA SAGRADA DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

(Vida de Jesus Christo e dos primeiros apóstolos) acompanhada de 30 gravuras e de dois mappas e um plano de Jerusalem.

PELA

«Estrella do Norte»,

Com approvação do sr. D. Antonio, Bispo do Porto.
Preço. brochada — 160 réis. Cartónada — 200 réis.

Livraria Editora de Figueirinhas Junior, rua das Oliveiras, 75 — PORTO.

GAZETA DAS ALDEIAS

Semanario illustrado de propaganda Agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis, premiado com medallas de ouro, prata e bronze em differentes exposições e grande diploma d'honra na Exposição da Imprensa de 1898.

Assigna-se na rua do Sá da Bandeira, 195, 1.º.

PORTO